

# Pulsões de destruição e doenças somáticas<sup>1</sup>

André Green,<sup>2</sup> Paris

*O autor examina primeiramente a ambiguidade dos conceitos de Pierre Marty (regressão, desorganização). Considera a necessidade da revisão do conceito de pulsão, que, tal qual concebido, explica insuficientemente as desorganizações da psicossomática. Propõe a hipótese de uma dissociação precoce entre a pulsão e o objeto nas estruturas psicossomáticas. Conclui com o exemplo de Goya, que sofreu crises de somatização que quase o levaram à morte, e sua produção das Pinturas Negras posterior a esse período.*

*Palavras-chave: regressão, desorganização, pulsão, objeto, Goya, Pinturas Negras.*

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente em *Revue Française de Psychosomatique*, 32(2), 2007.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris.

É provável que não estejamos prontos a dar uma resposta direta à problemática fundamental das relações entre as pulsões de destruição de Freud e as doenças somáticas. Podemos apenas tentar aclarar como essa problemática tem seu lugar nos questionamentos atuais.

## **Ambiguidade dos conceitos fundadores em psicossomática**

Quando a Escola de Psicossomática de Paris foi finalmente fundada na década de 1950, sob a direção de Pierre Marty, ela procurou se diferenciar da clínica psicanalítica tradicional. Todavia, a pesquisa não estava suficientemente avançada para explicar, do ponto de vista psicanalítico, as doenças somáticas estudadas. Diferentes elaborações teóricas, nem sempre convergentes, reconheceram um papel determinante às pulsões de destruição. No entanto, Pierre Marty preferia falar de *organizações contraevolutivas* a dizer pulsões de destruição ou de morte. Mas, mesmo mantendo-se muito reservado quanto a uma intervenção das pulsões de morte no psiquismo, ele propunha levar em consideração os *movimentos individuais de vida e de morte*. A má reputação que gozava, à época, qualquer referência à pulsão de morte o levou a se desviar dela. Disso resultou uma nova nosografia: as estruturas neuróticas e psicóticas passaram a ser divididas entre neuroses bem mentalizadas, de mentalização incerta, ou mal mentalizadas, neuroses de comportamento e psicoses. Penso que essa ideia de mentalização reforça a ideia de um dualismo, não de tipo pulsional, mas entre soma e psique.

Não me deterei minuciosamente nos conceitos de depressão essencial e desorganização progressiva. Embora sejam, na verdade, muito próximos dos efeitos identificados por Freud como pertencentes à desintração das pulsões de morte, respeitarei a ideia de distingui-los em um primeiro momento. Sabe-se que o movimento psicossomático – dentro ou fora da Escola de Paris – não conseguiu avançar muito no estudo das relações entre doenças somáticas e efeitos das pulsões de morte por não ter conseguido pensar tais relações.

Para saber em que situação estamos, interessa-nos retornar a Pierre Marty, cujas concepções continuam inspirando em larga medida os psicossomatistas. Para isso, precisamos interrogar sua obra *princeps*, *Les mouvements individuels de vie et de mort*. *Movimentos* é uma invenção terminológica de Marty. Não seria o que mais se aproxima da última designação freudiana de *moção* pulsional? Entretanto, não foi por acaso que Marty preferiu restringir-se aos *instintos de vida*. Conceito órfão, uma vez que Marty, como muitos autores em sua época, o dissociou do conceito

oposto de *instinto de morte* (Marty, 1974),<sup>3</sup> cuja existência ele se recusou a admitir e que também foi duplamente recusado por seus contemporâneos (como instinto e como estando relacionado à morte). Marty, contudo, não pôde deixar de invocar as influências *desvitalizantes* ou *revitalizantes* do meio. Em suma, o instinto de vida segue sua vocação, ou vai a contrapelo desta, sem que seja necessário postular uma força antagonista que tenha por finalidade a morte.

Quando Marty (1974) é levado a supor a existência, desde o início, de uma orientação natural contraevolutiva, ele assinala sua relação com a sensório-motricidade, que precederia “a eclosão da vida mental individual” (*Ibid.*, p. 99), sem explicar a diferença entre contraevolutivo e mortífero. Ele enfatiza o papel capital desempenhado pelas fixações. Segundo ele, a existência de fixações sólidas e tardias formaria, mais do que as regressões, um escudo contra as desorganizações. Marty (1974, p. 104) acrescenta: “A desorganização [é a] testemunha da preponderância dos instintos de morte”. O que é expulso pela porta retorna pela janela.

Uma ambiguidade caracteriza as ideias de Marty. Se, por um lado, como acabamos de ver, ele chega a recorrer aos instintos de morte, por outro, ele afirma repetidamente que os efeitos atribuíveis a esses instintos de morte se devem à ação exclusiva do empobrecimento progressivo, no tempo, das formas de instinto de vida vinculadas às unidades biológicas consideradas. Os instintos de morte seriam consequências da diminuição do potencial dos instintos de vida? Vemo-nos aqui em lado diametralmente oposto a Freud. Num esforço para diferenciar mais claramente regressões e desorganizações, Marty é levado, às vezes, a escrever o contrário. Regressão torna-se, então, sinônimo de desorganização. Mais adiante, enquanto Marty tenta nos desviar dos instintos de morte, eis que lemos um arrependimento tardio escrito, sub-repticiamente, em nota: “De toda maneira, não duvidamos que um ‘privilégio de morte’ constitua, nas desorganizações humanas naturais ou pós-traumáticas, o prolongamento contraevolutivo extremo dos ‘privilégios de vida’ atribuídos às fixações regressivas.” (*Ibid.*, p. 132). Há uma ambiguidade: ou o instinto de morte só entra em cena depois do esgotamento natural dos instintos de vida, ou do colapso traumático destes (*Ibid.*, p. 125), ou, então, há *privilégio* na orientação para a morte, o que implica em uma direção preferencial específica e não somente na consequência do empobrecimento do que nos mantém vivos.

Seja qual for a maneira como queiramos pensá-la, a ideia de *privilégio* merece um esclarecimento. Mas é preciso explicar também essa *melhor segunda escolha*. De acordo com essa hipótese, como admitir o direcionamento para o privilégio substitutivo da morte – *organização na desorganização* – e contestar o efeito das pulsões de morte?

<sup>3</sup> Marty chega a empregar algumas vezes esse termo.

As imprecisões ou até mesmo as confusões presentes na teoria de Marty, que, mesmo alegando diferenciar regressão e desorganização, confunde-as sem querer, não impediram seus alunos de prosseguir por uma via diferente, não desprezando mais o uso da última teoria das pulsões. Mesmo que atualmente quase ninguém seja alvo de críticas quando supõe a intervenção de uma pulsão de morte – mais com base na clínica do que apenas na especulação – a relação com a teoria freudiana continua frágil. Se nos atermos aos fatos, o que observamos? Por um lado, é a partir dos sintomas que se impõe o recurso a essa teorização, ou seja, a partir da coexistência de sintomas que a interpretação associa a uma patologia psíquica mal definida com outros, mais obscuros, associados à patologia somática. Por outro lado, a originalidade se deve à forma dos sintomas psíquicos, dos quais faremos aqui apenas um breve apanhado. Faremos referência essencialmente aos trabalhos de Claude Smadja.<sup>4</sup> Para ele, a melhor via de abordagem passa pelo exame da natureza das resistências. Presentes na psicossomática, como em todos os outros campos, tais resistências se distinguem por sugerirem uma finalidade autodestrutiva que, no entanto, não parece poder ser claramente definida.

## Percepção e identidade de percepção

Voltemos ao Freud dos seus primeiros tempos. Em sua obra, são destacadas as relações entre identidade de percepção e identidade de pensamento. Observemos que a psique deve renunciar à sedução que capta as formas de percepção que se assemelham, ou até mesmo se solicitam reciprocamente, como resultado de uma atividade antecipadora que tenta encontrar uma relação frouxa, mas capaz de ligá-las entre si. Um breve exemplo: o sonho dos três leões que aparecem no deserto e que fazem rir a sonhadora (Freud, 1900). Associações: a juba é o adorno do *leão*. O pai da sonhadora usava uma barba que lhe emoldurava o rosto como uma juba. Sua professora de inglês se chamava Miss Lyon. Ela ganhou um presente: as partituras de um compositor, *Loewe* (leão). Um homem que havia beijado sua mão era “o leão da sociedade” na cidade (*Ibid.*, p. 275). Essa orientação preferencial é uma caricatura da consideração de figurabilidade projetada para fora ou sobre a língua: a transformação em linguagem pictural é o indício da busca, a qualquer preço, de um mundo onírico que provoque um curto-circuito no pensamento secundário em sua relação com o pensamento primário. As relações lógicas primitivas que

---

<sup>4</sup> A presente exposição segue uma série de entrevistas com C. Smadja e apoia-se num exame minucioso de sua apresentação no Seminário Europeu, em dezembro de 2006 (sob minha coordenação), intitulada *Rêve et somatisation*.

ignoram a negação são, diz Freud, “a similaridade, a consonância, a posse de atributos comuns”.<sup>5</sup> Mas é precipitado demais passar por cima da diferença entre identidade de percepção e *similaridade, consonância e posse de atributos comuns*, os três trabalhados em sua relação com o *essencial* daquilo que é figurado-dito pela diferença em seus aspectos mais discretos, mas muitas vezes acompanhados por efeitos desproporcionais à sutileza das distinções. Esses três mecanismos remetem a formas primitivas de união elementar, que pressupõem todas a necessidade de superar uma separação para criar um nexos que as una e que se desenvolverá de outros modos (em identidade de pensamento).

Na interação relacional do sujeito psicossomático, toda a subjetividade parece direcionada para decifrar-decodificar os dados perceptivos. Sabe-se o quanto a noção de *captura perceptiva* foi destacada desde os primeiros trabalhos de psicossomática. Propomos falar de uma busca antecipatória, como se a percepção tivesse de fornecer uma resposta a uma *questão desconhecida*. Além disso, essa busca parece querer estar à frente da questão que passou despercebida por permanecer oculta. É tentador associar essa atitude de vigilância captadora à ideia de uma excitabilidade excessiva que geraria um estado de alerta para captar as formas que poderiam se apresentar à psique. Não é possível dizer se esse “sobreinvestimento perceptivo” se deve a um deslocamento do perigo para fora, à preparação como antecipação de uma resposta não desejada, ou não esperada, ou se é o resultado de um desinvestimento inconsciente para desviar a atenção de algo que poderia surgir do interior. Acima de tudo, isso reflete uma rigidez inconsciente contra algo indesejável mal definido.

Última questão: diríamos que esse estado de alerta tenta barrar uma coação imprevisível, ou prevenir um transbordamento agressivo possível? De toda maneira, o fluxo verbal sofrerá uma extinção precoce, ou se lançará sem muito controle numa narrativa biográfica intensamente vivida, mas exteriorizada como se fossem peripécias de outrem. Numa manifestação desse tipo predominará uma eventualidade rica e muito mobilizadora, pouco consonante com uma interioridade caótica submetida a determinações que tenderíamos a associar à vida pulsional, mas que, na verdade, demonstram mais a necessidade de realizar performances. Às vezes, ela é também o reflexo de uma desconfiança em se deixar levar por um desvio aventureiro mais negador que revelador do compromisso de se deixar orientar por uma relação ao mesmo tempo desejada e temida. Com frequência, a narrativa traz a marca da repetição. Repetição de uma geração à outra, repetição

---

<sup>5</sup> A tradução das *Œuvres complètes* emprega *ressemblance, concordance, contact*, o “tudo como tal” que, mais do que qualquer outro, pode estar presente no mesmo sonho de formas diversas. [Nota de tradução: Mantivemos, para os três termos, a tradução apresentada na versão brasileira da *Standard Edition*, Volume 5, p. 211].

de um destino ao outro, ou de uma eventualidade à outra, que caracterizaríamos mais em termos de destino cego compulsional do que em termos de identificação. Como se os nexos que permitiriam lhe dar um sentido tivessem sido apagados.

A nota traumática não escapa ao interlocutor, mas não encontramos nenhum traço de seu eco no interessado, a não ser mediante uma dramatização desviada do seu sentido profundo. A mudança de ambiente, de modo de vida, requer apenas uma adaptação, mas nenhuma interrogação retroativa no sujeito acerca das modificações que o afetam, as razões de ser dessas modificações e o que elas deixam transparecer de suas relações com seus semelhantes. Mesmo assim, ficam marcas não subjetivadas de destrutividade que podem tomar a aparência de modos de sublimação, ou gerar alternâncias entre afetos hostis e destrutivos sem indício de sua causa nem de sua origem. O próprio corpo é menos objeto de erotização do que fonte de alvos deslocados, introjetados, reproduzidos, de maus-tratos infligidos a si mesmo, ocultando o destinatário de origem.

A crueza de certos comportamentos pulsionais agressivos mantém dissimulados os autoerotismos que supostamente proporcionam prazer. A impermeabilidade do caráter evidencia a limitação relacional, a veleidade de independência, que é mais uma necessidade de não-relação, em que se pode entrever a busca secreta de condutas masoquistas e um envolvimento secreto por um véu esquizoide às vezes imperceptível. Há quem se sinta inclinado a falar de tendência à descarga; eu diria, antes, urgência de atualização, como se fosse necessário impedir, a qualquer preço, o acontecimento de seguir sua vida na psique, de examinar suas relações na conduta ou na interação com outrem para que possam adquirir uma dimensão psíquica. Mental, talvez; psíquica, quase nada. Porque um mental fechado em si mesmo pode ser tomado pelo psíquico, sempre mais ou menos encerrado em redes relacionais mais ou menos identificáveis. É o sentimento de fragilidade que predomina, deixando a impressão de ser atravessado apenas por ímpetos afetivos de excitação ou movimentos de atonia. A relação causa exaustão, requer uma adaptação árdua, esforços sem tregua. O outro próximo, seja criança ou adulto, é vampirizado sem que nenhum elemento possa fazer suspeitar disso, pelo apagamento dos vestígios que poderiam indicá-lo. A relação não enriquece; ela causa exaustão. O resultado visado é alcançar uma *exterioridade de si mesmo*, em si mesmo, uma objetivação daquilo que é a fonte de toda subjetividade para barrar qualquer abatimento das formas de vida. Portanto, defesa contra uma regressão essencial que ameaça descambar para uma desorganização maior.

De fato, é bem essa a ideia que se depreende da relação com alguém que parece receber só para esvaziar. Não se percebe nem por que nem contra quem o sujeito luta, e surpreende vê-lo tão fora do alcance da alegria de *estar com*, tão

alheio ao sorriso que cria vínculo. Há uma única razão para essa aderência: fazer frente; um único perigo: a ruína, sem qualquer ideia da ameaça que ela comportaria. Tornar-se a prótese de si mesmo, ao ponto de não mais deixar perceber a marca da ferida, ou, se isto não for possível, das dores que as feridas causaram. Consequência: se sou apenas aquilo que me dá a aparência de ser, então, na verdade, não sou nada, não tenho nada, nada que seja realmente meu. Nada que me permita receber o que transmite a exaltação de viver com e por outrem. Nada também que possam tirar de mim e que me impediria ser. Não ser nada para não deixar de existir.

## A unidade potencial e o outro

Como propor uma modalidade que permita reunir hipoteticamente essas facetas dispersas? Falar-se-ia de um falso *self*, que faria alusão a alguém que não tivesse outro objetivo a não ser barrar as aspirações inaceitáveis do *self* e que o teria forçado a tomar em si mesmo aquilo que pensa por si, em si? Ou, quem sabe, estaríamos falando de uma vontade alheia que teria assumido o comando de um *self* que deveria consentir em ser investido por um *self*, um *sem-self* como esboço de si mesmo? Não acredito muito, pois nenhuma forma de alteridade se esboça aqui, nem sequer uma sombra dela entrevista. Falaríamos, então, de luto interminável por um objeto perdido, ou, antes, de um luto falho no lugar do qual se teriam instalado somatizações? Ou, quem sabe, de um preenchimento narcísico pós-traumático?

Nenhuma dessas hipóteses é convincente. Porque, quaisquer que sejam as eventualidades propostas, o que falta a todas elas é o fato de que sua manifestação quase não deixa entrever a busca de outra individualidade ausente. Tratar-se-ia mais da ausência de uma unidade potencial, daquele a quem a atividade é dirigida, sem que possamos entender bem a forma de existência que resulta disso. E essa ausência nada mais é que a ausência do sujeito como verdadeiro polo do endereço da relação. O que parece faltar aqui, a meu ver, seria a liga – por mais ilusória que seja – de um querer pulsional que daria à base subjetiva o esboço de um caráter. Não é porque a atividade seja incoerente, mas porque ela revela a falha fundamental que a impede, na verdade, de tomar o seu lugar na posição de pulsão. Falta-lhe o acesso a uma potencialidade que estaria relacionada com o desejo, com a referência a um outro. Da mesma forma, não consigo ver, na energia feroz que move certas atividades marcadas pela defesa, uma razão de viver que venha de uma obstinação a impedir o outro de ser, como se este só pudesse conseguir isso à sua própria custa. A destrutividade não pode se concentrar senão numa preocupação do sujeito consigo mesmo, que teria em mente, o tempo todo, o outro como obstáculo

a sua vida e que nunca deve se esquecer de impedir de ser. Relacionaremos esse sentimento proveniente da relação terapêutica com terceiros, em que o sujeito é levado a pensar que sua existência só se deve ao seu êxito de ter escapado das manobras de morte do outro.

Assim, só a criatividade não pode ser senão o surgimento *ex nihilo* de uma condição pulsional, de certa forma, despojada de sua história, menos deslocada que surgida de uma imensidão desértica em que se toma consciência *a posteriori* de um horizonte relacional não habitado. A vida toma, então, verdadeiramente, o sentido de uma luta para retardar uma morte em curso. É passível de ser entrecortada por ressurreições fulgurantes, mas estas estão condenadas a submergirem no mesmo fluxo do qual emergem. Falta, acima de tudo, a ideia de uma continuidade que, originada no movimento, serve para mantê-la viva. O presente é natimorto, mas não há outro tempo concebível além de um presente que nasce e morre no mesmo lugar. E o outro? Ele se agarra desesperadamente ao *self* de onde parece nascer. Então, toda criação não é senão uma restauração que consegue deixar apenas a marca do vazio, se é que o vazio é algo que pode ser depreendido de uma lacuna muda.

Toda acumulação deve terminar na autoanulação, sem que a cena nunca seja invadida pelo autodesaparecimento de si de outra forma que não seja como moribundo. Assim, paradoxalmente, o estado anterior à depressão essencial não deve trair a ameaça que pesa sobre o sujeito. Toda mobilização é uma tentativa de absorver o endividamento do sujeito comparado a um devedor inominável. Nem mesmo a incompletude dá direito à reivindicação que permitiria alcançar o fim. Só é incompleto aquilo que demonstra uma sobrevivência interrompida. Tudo remete a um acometimento narcísico, mas este jamais permite que se manifeste um eu sempre em estado de suspensão momentânea. Toda totalidade é como uma justaposição de pluralidades que nada liga. São objetos-apoios desvitalizados, substituíveis, mas cuja interação não gera nenhuma energia. O que está vivo se subtrai a uma dimensão de futuro. O que é cercado por um limite é apenas a margem de uma limitação do destrutivo e não a demonstração de uma propensão a agir a fim de criar aberturas de relação.

## **Descarga – Presentificação**

Faz-se seguidamente referência à descarga, mas o que prevalece nestes casos é mais a necessidade de presentificação, de atualização, de obstrução contra a organização do virtual. Para isso, nada como a repetição, pois, atrás dela, a relação potencial, a simbolização, se assim podemos dizer, esgota-se na falta de reconhecimento do repetido. E, no entanto, não falta, devido à e mediante a



repetição, a reivindicação de um querer ser que em nada cede. É a desmetaforização que prevalece. Porém, não é um consciente que se manifesta, mas um quase real que bloqueia o campo psíquico. Aquilo que em mim não sou eu e não é o outro é o que está aquém, além daquilo que me falta.

O que pensar desse conjunto de traços que dificilmente constituem um sistema? Dentre as numerosas considerações que podem ser feitas nessas circunstâncias, destacaremos apenas uma: é como se estivéssemos diante de um quadro pulsional pouco ou mal elaborado, ao ponto de chegarmos a duvidar que estejamos mesmo lidando com pulsões. A orientação libidinal para o amor de objeto, a realização do narcisismo, o destino à sublimação, a imagem unificada do Eu-espelho, a capacidade de prazer proveniente das satisfações, ou a função maturativa do sofrimento cedem lugar a uma oscilação: o desapossamento do outro, a posse de si, a banalização do sofrimento se põem a serviço da recusa. No fim das contas, quando precisa se expressar, o conflito de ambivalência se dissimula ou se anula, sem tomar a via daquilo que se poderia vislumbrar por detrás do manifesto, e alcança o seu objetivo no curto-circuito que, para o analista, o acometimento somático implica. Não numa oposição vida/ morte, mas numa posição de inversão alternativa entre matar e ser morto. É raro encontrar os traços da destrutividade em estado bruto. Tais traços sugerem, antes, abortamentos das formas de ligação psíquica que foram impedidas de estender-se, de ramificar-se, de desabrocharem ou mesmo de aumentarem suas potencialidades.

Daí a existência de certas formas de trabalho psíquico de grande sutileza; são formas submetidas a variações em virtude da necessidade de esquivar-se, quando estão ao alcance de serem captadas, ou de exteriorizações brutais, que parecem buscar o aniquilamento, antecedidas por variações reativas que parecem ter em vista o fortalecimento da resistência a acolher o que vem afetar o Eu a partir do interior.

É espantosa a rapidez com a qual, diante de um esboço de prazer, o Eu descamba para o mal-estar, enquanto a angústia é substituída pela impressão desarmadora de uma impotência sem saída. O indivíduo calcula o tempo todo, fazendo o inventário de suas reservas defensivas, reunindo os fragmentos esparsos de um Eu que ameaça fragmentar-se, recorrendo a objetos-próteses que o ajudem a manter-se de pé.

As interações não são transformacionais, uma vez que sua finalidade última é o adiamento da capacidade de interrogação pulsional por represamento ou por anestesia de investimento de novos objetos. Aliás, o *status* do objeto é dos mais indefiníveis. Não se assemelha ao que é descrito como objeto primitivo, arcaico ou evoluído, muito menos ao transicional; são antes objetos de empréstimo, pelos quais é cobrado um preço usurário, a serviço do pragmático sempre mobilizado

em função da ameaça, que pode pesar sobre esses objetos, de fratura, perda, deterioração invalidante. Isso talvez esclareça a impossibilidade de assumir o risco de um uso acumulativo. Também não se pode assumir o risco de ausentar-se de si sem ser captado pela história analógica de outrem que arrasta para uma catástrofe imprevisível e irremediável.

Excessivamente diferente, o objeto faz correr um perigo de estranheza. Em compensação, a semelhança rouba a identidade; a diferença ameaça com o perigo de nos fazer cair num fosso profundo. Quer haja uma concordância parcial ou global sobre a constância ou a fiabilidade dos elementos do perfil clínico esboçado, ou quer surja o desejo de refutar alguns desses elementos, ou de completar esse esboço pela detecção de ameaças que passam despercebidas, estamos longe da finalidade implícita a que visamos, a saber: a identificação da forma das organizações psíquicas propícias à ocorrência das manifestações que comandam os quadros das desorganizações maiores descritas por Pierre Marty.

Nossos esforços estão longe de chegar a uma clínica diferenciada entre o que compreendemos das formas ditas bem mentalizadas e aquelas às quais faltam essas diferenciações da vida psíquica. Ao buscar invariâncias desse tipo, consegui menos ter uma ideia clara do que encontrar meu questionamento em outros autores; a confirmação das características da presença de tais invariâncias não permite concluir acerca da previsibilidade de desordens importantes que acompanham sua ocorrência, exceto no que diz respeito a alguns traços gerais, como o papel da irregularidade do pré-consciente, que, convenhamos, não seria suficiente.

## **Revisão do conceito de pulsão**

Eu gostaria de abordar essa questão a partir de outro viés. E se nossos esforços para determinar a forma de vida psíquica potencialmente produtora de descompensação somática se tornassem inúteis por serem falhas nossas descrições sobre os modelos de base da vida mental? Na França, enquanto a tradição encontra ampla adesão – com algumas exceções –, considerando a vida pulsional como o fundamento da vida mental, as propostas alternativas revelam-se ainda menos capazes de abordar o problema que consideramos. Não acredito que uma abordagem genética corresponda suficientemente às nossas expectativas. Como também não creio que aquilo a que dão acesso os mecanismos somáticos mais bem definidos possa dar conta do psiquismo.

Tentarei, então, contrapor uma perspectiva cuja dinâmica se baseia no que

denominei *trabalho do negativo* e suas vicissitudes. Nada direi dos amálgamas conceituais calcados nos modos de atividade psicológica, tais como os esquemas de ação ou fantasias de ação. Todos levam a hipóteses que, a meu ver, são mais compatíveis com o pensamento psicológico do que com a metapsicologia psicanalítica. Devo confessar que a hipótese de uma linhagem identitária extrapulsional também não me convém, pois, no meu entender, nada que pertença aos fundamentos da vida primordial poderia escapar à pulsão, a suas formas originárias ou aos seus destinos.

Alguém poderá se recusar a me seguir nessa ortodoxia? *Ortodoxia*, nenhum termo seria mais inapropriado no momento em que me preparo para propor outra concepção da vida pulsional. Será também para desviar de qualquer ideia de ortodoxia que não *me* autorizarei a recorrer diretamente à última teoria das pulsões, que considera de saída a destrutividade como parte intrínseca das instâncias psíquicas mais basais.

Durante o Colóquio de Cerisy<sup>6</sup> – onde alguns amigos se reuniram para confrontar suas ideias com algumas das minhas ideias que os haviam inspirado – surgiu em diversas contribuições – sinal de que não se tratava de uma extravagância individual nem de um encontro casual – a ideia de que nos inclinávamos cada vez mais a conceber a atividade pulsional como uma forma já organizada do psiquismo, que nos impunha romper com uma elementaridade de partida, ou com um não-sentido primordial a partir do qual o sentido nasceria *ex nihilo*. S. Botella, M. Aisenstein, P. Miller e também – creio eu – C. Smadja, entre outros, compartilharam desse ponto de vista, que B. Brusset (2006) retomou novamente em seu relatório para o Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa, em 2006. Recentemente, S. Dreyfus-Asséo e B. Chervet tomaram uma orientação semelhante, se bem entendi. Considero essa revisão necessária. Freud propôs a ideia de um conceito-limite que fazia alusão a isso, desde sua criação, pela menção à existência do trabalho imposto ao psiquismo em decorrência de sua ligação com o corporal. Paralelamente a essa ideia de um vaivém entre o corporal e o psíquico, à demanda cada vez maior em defesa de um psiquismo encarregado de traduzir as exigências do corporal numa língua que o psíquico compreenda bem, é preciso admitir que não se trata, propriamente falando, de uma língua, tampouco de um código, mas de uma matéria conversível que se mantém presa a um sistema de forças, de movimentos afetivos, em busca de objeto.

Se buscarmos formulações alternativas para o conceito de pulsão, a

<sup>6</sup> Cf. *Autour de l'œuvre d'André Green, Enjeux pour une psychanalyse contemporaine*, dirigido por F. Richard et F. Urribari, Paris, PUF, 2005.

ideia de partida de quantidade móvel<sup>7</sup> é ainda mais incisiva no caso das formas psicossomáticas. Deve, pois, ser mantida. Mas o conceito de pulsão, tal qual pode ser depreendido das neuroses mentalizadas, vem completar a formulação *quantidade móvel*, que escoo na direção do que virá a ser a representação de objeto, por outra via além daquela do simples destino das pulsões. Nas definições de Freud, faltava a ideia de que a quantidade de energia busca sua via, seu traçado, em direção ao objeto, elaborando os traços a partir dos restos perceptivos em vias de transformação para alcançar o *status* da representação. Em suma, uma pulsão em busca de si mesma como expressão do descentramento de si, perseguindo o que possa lhe dar agora o sentimento de uma coincidência com ela mesma no encontro. Em outras palavras, sem sujeito prévio, somente *après coup*. Assim, o que postulamos é a solidariedade da quantidade móvel, que tem seu ponto de partida no corpo e que segue, pelas vias da impressão deixada pelo objeto, em direção à construção de seu próprio traço, que, por sua vez, deve realizar sua transformação em representação – fora da esfera do significante. Dito de outra forma, o que será dado como representação de objeto só é perceptível aqui sob a forma de extrapulsão, que será apreendida em seu encontro com o objeto e em seu encontro com a quantidade móvel, conferindo-lhe um sentido. Há muito tempo que defendo essa abordagem, pelo menos desde 1967, sem ter conseguido avaliar seus reflexos na psicossomática.

No exame à luz da prática, concebe-se hoje a abstração pulsional segundo os traços que marcam o seu modo de atividade, até então insuficientemente caracterizado pela pressão, até mesmo pela repetição, que marca um obstáculo a sua atividade, ou pela busca de prazer, uma vez que, desde 1920, Freud modifica sua concepção em proveito de uma referência a refletir: a tendência *a restabelecer um estado anterior, não limitado pelo prazer*. O restabelecimento de um estado anterior é um elemento adverso de uma tendência oposta à pulsão, aquela que a orienta para torná-la compatível com a transformação buscada pelo Eu. Creio que foi essa pressão para adotar outras formas de expressão que C. Smadja quis explicar, pertinentemente, ao examinar o conceito de representação. Sua insistência no valor do representante psíquico, com referência aos meus próprios trabalhos, atesta o seu desafio: ligar a moção a uma representação do corpo que não deve mais nada à concepção de representação baseada no modelo imagem-objeto. Na verdade, sob que forma pode se apresentar a exigência de trabalho imposta ao psiquismo em decorrência da ligação com o corporal? Não há nada de *imaginário* que advenha em uma elaboração secundária sem repousar primeiramente no afeto como modalidade original de uma vivência do corpo, com a possibilidade

---

<sup>7</sup> N.T.: De energia livre.

de encontrar um objeto que pareça corresponder a tal afeto sob a forma de apelo, de exigência, indo desde o solipsismo mais acentuado até o que Catherine Parat denominou apropriadamente *afeto compartilhado*, forma suprema da realização pulsional. Diremos que o objeto se forma como promoção de resto perceptivo no encontro com o movimento que o solicita e que constitui o seu valor pulsional referentemente a uma quantidade móvel para... *um outro*.

Já afirmamos que, se a obra de Freud privilegiou a representação até 1920, foi o afeto que se tornou preponderante posteriormente. Ele pode completar sua representância mediante produções que *esquecem* suas origens perceptivas para adquirirem a aparência de uma expressão de *retorno* de algo já sentido. É possível imaginar outra via além daquela do percebido para dar origem a uma fantasia corporal?

O que deve, então, ser acrescentado à pulsão para torná-la utilizável? Em primeiro lugar, convém observar que sua tendência natural a transferir-se acompanha a obrigação de transformar-se, o que põe em jogo nossa capacidade de detectá-la por detrás daquilo que tenta garantir-lhe o *status* de um passageiro clandestino. Dessa dupla aventura decorre a propriedade fundamental de sua compulsão a representar, isto é, de descortinar-se ao mesmo tempo em que se dissimula, e, conseqüentemente, da compulsão a associar, cuja falha sempre marca uma incapacidade de incluir e conter. Mas sua tendência à repetição implica também na tendência a estender-se, incluindo nela cada vez mais elementos pertencentes ao objeto, a fim de alcançar o seu nível de formação compósita como elemento fundamental da psique.

Outra observação: criamos geralmente uma distinção artificial, para usos propedêuticos discutíveis, entre a pulsão e a defesa. Ora, a evolução do pensamento freudiano obriga cada vez mais a considerá-las indissociáveis.

Em nota de 16 de junho de 1938, Freud (p. 287) escreve: “É interessante que, ao contrário do que acontece mais tarde, *conservam-se todas as diversas reações às primeiras experiências, inclusive as reações contrárias, naturalmente*. Em vez da decisão, que seria a saída mais tarde. Explicação: fragilidade da síntese, conservação do caráter dos processos primários” (os itálicos são meus). E eu completo: não há pulsões pensáveis fora de suas relações com suas defesas. Espero que tenham entendido. Não sou favorável ao retorno à síntese no pensamento teórico, mas a uma observação que nos faça compreender: o analista que trabalha com uma abordagem que apresenta a desvantagem de partir da busca de formas separadas corre o risco de empobrecer o pensamento das relações anteriormente existentes entre essas formas. Por certo, é preciso distinguir a pulsão e o recalque, mas é necessário também tomar cuidado para não subestimar a natureza de suas relações,

a qual deve ser percebida se quisermos resgatar suas duas faces, principalmente nas relações psique/soma.

Integrar o recalque em nossa maneira de conceber a pulsão significa indicar aquilo que nela a leva a se afastar de seu estado primitivo. Faz-se muito o uso, desde Marty, da importância da intensidade das excitações e do quantitativo. O que eu gostaria que fosse mostrado é o modo como a defesa contribui para a relação transformacional sem se contentar em criar obstáculo a esta. E também as transformações que obrigaram a categoria geral do defensivo a se diversificar nas formas do trabalho do negativo. Porque também não acredito, como está em voga pensar, que a elaboração psíquica possa utilizar exclusivamente a via de uma transmissão materna: a capacidade de *reverie* de Bion – que desemboca numa função *alfa* identificatória enxertada – os significantes maternos enigmáticos de Laplanche, a função lacaniana do Outro, sem falar da mísera intersubjetividade. Essa significância precisa ainda transitar pela organização subjetiva de quem ela afeta, habita, imobiliza.

## **Exposição da hipótese *princeps***

Apresento então minha hipótese *princeps*.

*O que caracterizaria o destino de uma forma de organização pulsional aplicável à psicossomática seria a ruptura precoce da ligação da pulsão (no sentido tradicional) com o futuro objeto, a separação do componente energético pulsional do objeto a que a pulsão visa; esta fica, então, à deriva, sem encontrar destinatário, sendo, portanto, privada da capacidade de modificar seu fundamento pela resposta vinda do objeto.*

Em suma, essa fonte faltante priva o narcisismo do estofamento necessário para operar sua transformação em objetividade. Em outras palavras, podemos dizer que é como se a função objetualizante tivesse sua potencialidade evolutiva bloqueada, não havendo outro que seja pensável. Nas psicoses, essa dissociação não ocorre, e a regressão afeta o conjunto pulsão/objeto fixado em realizações ditas arcaicas em que o objeto permanece marcado pela regressão narcísica. E, além disso, esse objeto não adquire autonomia suficiente para sentir um alívio projetivo que possa livrá-lo, sem um custo elevado, de uma destrutividade progressivamente invasiva, de dois gumes.

Para esclarecer as coisas, correndo o risco de simplificá-las um tanto, direi que tal objeto é funcional unicamente para as manipulações do sujeito; ele é catalítico: sua presença é necessária para as reações, mas ele não participa delas.

É indutor, mas não deseja, não tem querer próprio. Não serve para fins de confusão entre sujeito e objeto, como na psicose. Algo nele se mantém separado da pulsão, que parece desenvolver-se por sua própria conta – o que não passa de uma ilusão, uma vez que acabamos de ver que a relação pulsão/objeto é necessária a qualquer desenvolvimento da pulsão. Em suma, podemos dizer que ele talvez seja a fonte de uma mobilidade que não traduz uma intenção reflexiva, mas o estímulo do polo transformacional da subjetividade, sem relação reflexiva com um objeto.

Entre as potencialidades do recalque, há um uso possível que contorna o próprio recalque: a sublimação, cujos mistérios estão longe de ser desvendados. Freud já havia observado que a manifestação do inconsciente pode ser deduzida das circunstâncias em que este é ativado. Quando, mais tarde, o inconsciente teve de ceder o lugar às moções pulsionais do Id, a observação manteve todo o seu valor. Os processos primários pelos quais se traduziam as expressões do inconsciente deveriam sofrer uma modificação que afetaria sua relação com sua tradução em agir, devido à mudança de referência. Não é fácil imaginar, pois a própria pulsão não advém. O psiquismo não está mais lidando com os derivados da excitação, o que explica a referência frequente, hoje, à noção de apresentação, que recua os limites da representação, e aos procedimentos autocalmantes. A apresentação seria a modalidade afetiva de uma relação a ser imaginada como moção/afeto, não pertencente ao modelo da representação imagem/objeto? Essa figura que tenta inserir-se numa conjunção que remete ao corpo merece reflexão, na medida em que não é fácil conceber seu destino.

O que pode escapar nessa estreita implicação com as origens do psiquismo e da corporeidade? Aqui, somos forçados a admitir que esse corpo não é o soma, mas um corporal subjetivo que nos sentiríamos tentados a dispensar e ao qual falta o que se tornará a referência à subjetividade. Porém, justamente, o exemplo da psicossomática nos mostra que o corpo ao qual ela se refere não pode ser englobado nesse quadro da incorporação psíquica. O que fazer: retornar ao soma? Toda a psicossomática sucumbiria a ele. Mas, se não esquecermos que a pulsão é exigência de trabalho imposto ao psiquismo em decorrência de sua ligação com o corporal, então nos resta a possibilidade de identificar na textura da moção a ideia de uma subjetividade sem sujeito, ou cujo sujeito será a figura de emergência que ocupa o lugar de um sujeito faltante, sem, contudo, confundir-se com o soma.

Então, isso nos permite pensar que, no plano da análise dos estados não mentalizados, o que toma o lugar daquilo que corre em filigrana nas neuroses bem mentalizadas é uma vida pseudo-pulsional. É uma forma embrionária de intencionalidade não psíquica que toma a aparência da pulsão. Assim, eis a minha ideia dessa forma de vida psíquica: a quase identidade da intencionalidade



psicossomática com o parentesco pulsional pode chegar ao ponto de imitar seus aspectos mais conhecidos, com um único defeito, a conexão da manifestação com outra subjetividade fora de si, que permite conceber o que chamaremos de vida mental em sua fundação elementar, mesmo sem qualquer perspectiva relacional identificável.

O que caracteriza a vida pulsional, paralelamente à sua reivindicação da satisfação, é o fato de que ela não consegue manifestar-se sem inquietar quem ela habita. Porque sua circulação é subterrânea e porque, além da impossibilidade de assegurar o seu controle, é fonte de temor pelo seu caráter inconsciente, intempestivo e incontrolável; ela gera angústia, sinal infalível de sua qualidade pulsional; faz pesar a ameaça de uma perda de controle do eu e produz efeitos/afetos que levam uma vida livre de qualquer controle. Essa é a descrição da subjetividade elementar, de onde provêm as sublimações mais imprevisíveis. Creio ter observado que a inquietude diante dessa vida que quer se tornar independente é justamente o que falta nos sintomas mais paralisantes da patologia psicossomática.

O que é essa excitação que abalaria o psiquismo sem ser confundida com a pressão, que expressa a reivindicação de uma satisfação, mas se mantém dentro dos limites de um movimento que é supostamente o indício de sua potencialidade de reversão subjetiva? Costuma-se invocar um estado de excitação nem ligável nem integrável a um investimento como constitutivo do fundo psíquico que exigirá o retorno à acalmia (psíquica), cujo preço a pagar será, por exemplo, a desorganização essencial. Insiste-se, além disso, nos níveis regressivos que acompanham essa desorganização narcísica e depois objetal.

Ouvi mais de uma vez relacionarem a autodestruição freudiana, a desorganização de Marty e a desobjetalização greeniana. Isso me leva a esclarecer como eu vejo essa aproximação. A autodestruição freudiana, como sabemos, surgiu pelos efeitos da recusa ou da impossibilidade de deixar o campo livre para a exigência libidinal erótica, cujos efeitos aprendemos a conhecer dentro do vasto agrupamento teórico onde já a encontramos e onde a criação da pulsão de morte lhe atribui novos derivados: a consciência de culpa, o masoquismo e a reação terapêutica negativa. Esses três estados têm em comum o fato de serem efeitos do impedimento da vida pulsional erótica. Supõem que esta sucumbe a uma desaprovação que visa a interromper o curso da aspiração que a conduz, numa inversão das referências ao prazer, em proveito de outra primazia a satisfazer, a da dor, que se deve a uma punição por sua transgressão dos interditos, ou, então, a uma inversão das metas dos princípios do funcionamento mental, que, após uma fase de melhora, evolui para maior sofrimento e menos prazer ou saúde. Posteriormente, essas três saídas são os primeiros sinais da intervenção da pulsão de morte e o



prelúdio de maiores devastações, marcadas pela obstinação autodestrutiva. Mas, aqui, é como se a pulsão de morte fosse freada pela dessubjetivação prévia.

Freud dá a essa pulsão uma nova aplicação: tendência da pulsão a restabelecer um estado anterior. Na verdade, é preciso ainda operar uma desdiferenciação não somente em relação ao prazer, mas também sobre a minha hipótese de que a evolução da atividade pulsional no sentido da transformação das funções em objeto poderia sofrer uma mudança. Nesta mudança, o objeto não seria mais ligado a suas qualidades primeiras (objeto da pulsão), mas como *destino* da pulsão, cujas transformações evolutivas terão a finalidade não só de transformar o patrimônio pulsional – pelas sublimações, por exemplo – mas também de proceder a uma mutação definitiva; esta esclerosaria as diversas posses do Eu pelo fracasso do processo que lhes permitiria o acesso a um *status* objetual independente.

### **Função objetalizante e função desobjetalizante.**

A ideia basal é que o Eu não pode viver sem troca com objetos. Essa hipótese seria preferível àquela das relações de objeto, que postula que os objetos existem desde o início e que, sem objeto, não tem salvação. Aqui, ao contrário, o objeto encontra-se no fim de um percurso que não somente transforma os objetos existentes enquanto tais, mas também acrescenta o produto de uma evolução criadora de objetos que se somam aos anteriores. Essa evolução é o produto dessa faculdade interperativa da subjetividade, que se inverte na desobjetalização. Mas sua condição é que seja reconhecida a ligação pulsão/objeto, mesmo que este não seja reconhecido como tal. Em compensação, essa objetalização, em condições que não lhe são favoráveis, cede o lugar ao apagamento progressivo do objeto e tira proveito das formas de fragilização que as primeiras tentativas de dissociação representam, como um protesto contra sua inadequação.

Desobjetalizar é proceder a uma ação que faz com que a evolução pulsional perca aquilo que nela é capaz de tratar as propriedades mais singularizantes dos objetos. Podemos estabelecer aqui um paralelo com uma hipótese defendida por Freud em *Além do princípio de prazer*, na qual ele atribui à pulsão de morte o papel de ser a primeira pulsão destinada a destruir (e até mesmo a expulsar da psique) os primeiros investimentos (narcísicos). A reação pulsional/contrapulsional visa a opor-se a isso, apoiando-se, de certa maneira, no reforço dos investimentos de objeto por vir, os quais contribuirão para impedir os efeitos de uma recusa das tensões oriundas de uma maior complexidade.

Tudo isso reforça minha ideia de um narcisismo primário positivo,

acompanhado pelo seu complemento de narcisismo negativo, destrutivo. A via tomada pelas desorganizações psicossomáticas estaria relacionada com a insuficiência da resistência oposta pelo narcisismo, que, para mim, significa a perda da dimensão subjetivante da atividade pulsional. Essa perda se manifesta, quando examinamos os investimentos nos casos psicossomáticos, pela falta da apropriação da pulsão que inquieta, que tenta se aproximar da meta, que faz temer pelo perigo de desorganização do Eu, que bate em retirada e pode terminar numa recusa que situa, de certa maneira, o processo psíquico como fora de si. Assim, a ameaça de morte é conjurada pela ausência de qualquer sinal de advertência para uma destrutividade em curso.

Assiste-se a uma autodestrutividade do Eu que exige, para barrá-la, um alerta ao narcisismo – o que, em geral, sofre a intervenção da recusa em psicossomática – enquanto a unidade aparente do soma, fora dos episódios abertos de doença, dá a ilusão do restabelecimento de um psiquismo espectador de outrem, que parece sobreviver sem sequelas às perdas, aos lutos, às feridas narcísicas que trazem problemas mais delicados. Na verdade, a clínica moderna atribui ao luto o papel desorganizador do Eu, tão essencial quanto a problemática da castração em relação às vicissitudes da vida pulsional. De fato, surgem, como algo totalmente novo, a função positiva da reparação em Melanie Klein ou a capacidade de cuidar em Winnicott. Deixo de lado as distinções entre melancolia e luto, luto e capacidade de cuidar. É impossível considerar, como Freud bem percebeu, o luto independentemente de seus dois parâmetros: a consideração dos efeitos da destrutividade e a dimensão diretamente envolvida na restauração do objeto, que requer um sacrifício do Eu, comprometendo sua própria integridade.

Em suma, a dimensão de alteridade desemboca necessariamente na sua ligação consubstancial com o Eu e na necessidade de calar a satisfação agressiva. Lembro que é nesse momento que Freud inventa a renúncia pulsional, conceito um tanto perturbador para os defensores, que supostamente somos nós, da força das fixações e das regressões na vida psíquica.

## **O outro e a marca impressa da subjetivação**

Uma tendência a contornar a dificuldade consiste em remeter ao Outro a criação da subjetividade. Não seria essa a tendência que encontramos na relação de objeto, tão prezada por Melanie Klein e pelos kleinianos? Não poderíamos seguir o seu rastro em Bion, quando ele atribui a origem da função *alfa* à capacidade de *reverie* materna assim transmitida ao sujeito? E quanto a Winnicott, será que se

afasta essencialmente disso quando atribui ao ambiente o papel de permitir que a individuação realize a separação? Em todos os casos, eu gostaria de sustentar o que designarei como a *marca impressa da subjetivação*, a manutenção da finalidade de apropriação que marca indiretamente a existência da alteridade.

Todas as novas diretrizes recusam a referência à elaboração de um sujeito que nasce de sua própria atividade pulsional originária. Que o Outro atraia os investimentos, que o seu valor seja medido por sua perda, tudo bem, mas é mais necessário tomar como referência uma dialética das modulações perda/conservação do que assumir o traumatismo da perda/ separação como uma origem.

Em 1920, Freud nos propôs considerar juntas as pulsões de vida ou de amor e aquelas de destruição ou de morte. Os psicanalistas de sua época e do período seguinte mantiveram-se muito reticentes em segui-lo. Hoje, no entanto, alguns – dentre os quais eu me incluo – pensam que nenhum progresso é possível sem aceitar essa hipótese de uma destrutividade primordial, aliada e antagonista das formas de organização da vida.

Depois de Freud, a atenção voltou-se muito para o relacional, mas não se poderia criticar ninguém por isso, a não ser pelo fato de que não se pode confiar muito no observável; porque o observável nos esconde justamente o que ele gera e que se esquia da observação, embora se imponha como um incessante objeto de especulação para não cair nas armadilhas de um realismo sempre pronto a reconquistar o terreno perdido. Temos muitas dificuldades para nos apartarmos de nossos modos de pensamento conscientes. Porque o que o relacional nos dissimula são justamente os efeitos discretos produzidos por ele sobre as formas estruturais, cujo desenvolvimento trará à tona as situações que somos incapazes de conceber mentalmente. Dentre estas, aparecem em primeiro plano os estados de intolerância, de recusa, de oposição radical e de negatividade mortífera, que sufocam as possibilidades de realização da vida. Deve-se perder tempo procurando responsáveis e continuando a recuar diante da imaginação teórica que nos força a violentar-nos para abandonarmos nossos hábitos de pensamento? Quem, hoje, não sabe que cada um faz o que pode? Porque ele próprio é o produto de uma causalidade complexa, emaranhada, comportando retroações de acordo com determinismos obscuros, deixando-se mais entrever que conceber, exigindo de nós uma imagem dinâmica que, por ser tão móvel e mutável, nos obriga a parar um momento, para apreender apenas uma singularidade artificial e efêmera.

Hoje, ideias novas, graças a J.-C Ameisen, incitam-nos, depois de Freud, a pensar a destruição entrelaçando seus efeitos com a construção, como uma dupla espiral; a não mais somente conceber a vida e a morte como opostos, mas também como cúmplices, sendo que a própria vida não poderia agir sem a ação

necessariamente complementar da morte, não para nos levar a justificar a vida, mas para compreendermos que ela não pode ser concebida isoladamente e para nos convencer de parar de fazer pesar sobre ela uma visão finalista que agiria pelo bem geral. Sem dúvida, essa situação tem em jogo uma questão aberta que exige de nós um desafio indispensável, do qual a pior maneira de escapar seria a recusa cega de ver o combate que se trava sob nossos olhos. É isso que a clínica esforça-se para nos mostrar, solicitando que reconheçamos a face do nosso inimigo para melhor identificarmos as devastações que ele pode provocar em nós, mas nos fazendo também experimentar sua natureza para que possamos responder melhor. Para isso, precisamos mais uma vez dirigir nossa atenção para aquilo que nos aparece como uma lição da vida a ser captada no real que nos é oferecido.

O luto não é uma referência suficiente em si mesma, se nós o imaginarmos como uma crise resolutive daquilo que se contenta em viver. A fecundidade do luto exige a possibilidade de pensar a contradição dos efeitos ambíguos da perda – os gregos temiam que as expressões de dor pudessem ser confundidas com as de alegria – e também a divisão entre a celebração da perda e o dever de esquecê-la. Solidariedade entre o treno<sup>8</sup> e o discurso que a tragédia soube produzir. Obrigação do consentimento ao esquecimento, que só é aceitável depois que for pago um justo tributo ao objeto da perda.

## **As exigências da solução do luto e o enfrentamento do horror**

### *Goya e as Pinturas Negras*

Terminemos abordando um caso apologético: o de Francisco Goya. É impossível abarcar em um único olhar toda a atividade desse artista de uma genialidade tão diversa: autor de desenhos para tapeçarias, pintor dos costumes de seu tempo, grande retratista da corte e dos poderosos de sua época, admirável revelador da beleza feminina e, por fim, grande visionário através de uma obra sarcástica. Eu gostaria de abordar um único aspecto: sua relação com as *Pinturas Negras*, verdadeira guinada tanto na vida como no destino do artista.

Goya atravessou muitas crises em sua vida; algumas delas foram crises somáticas graves, entre as quais citaremos apenas duas. Seu adoecimento durante o inverno de 1792 desencadeou a surdez que o deixou enfermo até o fim de seus dias – surdez pela qual se sentiu responsável. Além disso, temia a cegueira, ou seja, temia ser obrigado a parar de pintar. Apesar disso, levou uma vida bastante alegre, cheia de amigos. Um quadro extraordinário de 1820, pintado à mesma época

---

<sup>8</sup> N.T.: Lamento fúnebre.

em que realizava as *Pinturas Negras*, evoca a segunda crise somática que quase o destruiu: o *Autorretrato com o doutor Arrieta*. Essa cena tocante retrata um novo episódio da doença de 1819 e faz de nós testemunhas de um Goya visivelmente moribundo (o doente apresenta uma carfologia, um sintoma de extrema gravidade em que a mãos agarram ou afastam as roupas de cama em movimentos automáticos). Nessa cena de quase agonia, Goya retrata os dois personagens, seu salvador e ele mesmo: o médico em recuo, atrás, abraçando o paciente e dando-lhe um remédio, uma bebida que o paciente parece pouco disposto a engolir. A maioria dos intérpretes desse quadro atribui ao doutor Arrieta uma atitude de compaixão, análise da qual tenho dificuldade de compartilhar. Nessa representação, o médico não está olhando para o moribundo, seu olhar está voltado para dentro de si, como se fugisse das visões da morte que tomam conta de seu paciente. No último plano da pintura, algumas figuras misteriosas e inquietantes. Fred Licht (2001, p. 209) escreve: “O *Autorretrato* talvez seja um ex-voto destinado a testemunhar o milagre de uma afeição, a única capaz de vencer o pecado mortal da acédia”.<sup>9</sup> Isso não seria cristianizar a cena, em que Licht não deixa de observar que o paciente parece querer evitar beber a taça, consentindo a contragosto em obedecer ao seu médico?

Esse quadro autobiográfico lembra outra obra pintada quatro anos antes de sua doença, em 1788: *São Francisco de Borja no leito de morte de um impenitente*.<sup>10</sup> E se devemos identificar Goya no quadro de 1820, é justamente com o moribundo impenitente. Aterrorizado pela proximidade da morte, o padre, que desvia o seu olhar daquele que está prestes a morrer, estende um crucifixo emissor de raios divinos, enquanto se juntam ao redor de sua presa criaturas satânicas que esperam o momento de se apossarem de sua alma. Aparecem ali, pela primeira vez, os monstros que Goya gravará e pintará obcecadamente. Apesar da impressionante agonia do moribundo, o que aumenta ainda mais nosso pavor é principalmente a impotência aterrorizada do seu pretense salvador. No *Autorretrato*, a interpretação de um triunfo da compaixão, do qual Yves Bonnefoy gostaria de nos convencer, deixa-nos céticos. Espanta-me a solidão extrema do moribundo e o desvio discreto do olhar do médico, que, mesmo desejando amparar o seu paciente, abandona-o, na verdade, às angústias interiores que o invadem.

Vejo essa solidão absoluta como latência do tempo anunciador do extraordinário *Saturno*, que reina entre as *Pinturas Negras* pintadas por Goya para colocar isso em evidência. Visão horrível, embora cheia de ressonâncias, à qual Malraux (1950) confere um valor emblemático. Da mesma maneira que o doutor

<sup>9</sup> Licht analisa demoradamente o *Autoportrait* (pp. 206-209).

<sup>10</sup> *Saint François Borgia et le moribond impénitent*, reprodução em Y. Bonnefoy, *Goya, Les Peintures Noires*, William Blake & Co éditeurs, 2006, p. 39.

Arrieta envolve Goya com seus braços, Saturno agarra os seus filhos, não para administrar-lhes um remédio, mas para devorá-los com uma voracidade feroz, indiferente ao que lhes está infligindo. Diferentemente de Bonnefoy (2006), que quer que sonhemos em torno da fantasia que inspira o quadro, não direi que Goya “se identificou com a presa que vê surgir à sua frente o predador” (*Ibid.*, p. 87), mas que as visões desse terror lancinante o fazem encontrar sua própria figura nos traços do predador.

As *Pinturas Negras* desta *Quinta del Sordo* – nome predestinado –, onde Goya se isolou e se trancou durante um longo período, subtraindo-se ao olhar dos visitantes, mergulham-nos na perplexidade. Nada do que Goya nos dá a ver é totalmente novo para ele. As séries *Caprichos*, *Os desastres da guerra* e *Disparates* haviam descrito os horrores da condição humana, mas convém ressaltar que essas obras, nas quais o sarcasmo é gerador de uma ironia perturbadora e o absurdo e o pessimismo se dão as mãos, terão uma publicação muito limitada, para não dizer nenhuma (Licht, 2001).<sup>11</sup> Porém, o que dá às *Pinturas Negras* o tom melancólico e aterrorizante em sua força de convicção é o fato de serem os produtos fabricados pelo sono da razão na antessala da morte.

Fred Licht (2001) vê nelas o produto de um trabalho em que Goya decide pintar somente para ele mesmo. Licht (p. 204) observa: “No entanto, nunca antes nem desde então foi pintado um ciclo inteiro de obras relevantes e ambiciosas para permanecer confidencial.”<sup>12</sup> Fruto de experiências nas fronteiras da morte, esse ciclo traz as marcas da destruição: “Pois é na natureza paralisante, destrutiva, das *Pinturas Negras* que reside o seu verdadeiro veneno.” (*Ibid.*, p. 207).

As *Pinturas Negras* são a encenação do teatro interno que se apoderou da alma de Goya, que, além disso, pintou o cenário no *Autorretrato com o doutor Arrieta*. Aquelas retratam o interior, este, o exterior. Separadas, essas obras são enigmáticas e incompreensíveis. Reunidas, refletem uma única realidade, visível ou que se furta ao olhar, preparando-se para fazer o enfermo transitar do mundo dos vivos para mundo dos mortos, onde já está prestes a habitar.

Figuras demoníacas (*Visão fantástica ou Asmodea*) ou simbólicas do destino (*As parcas*), cenas de desvario popular (*A romaria de Santo Isidro, O enterro da sardinha*), perseguição por feiticeiras (*Bruxas Sabá ou El Aquelarre, O voo das bruxas*), destruição mútua (*Duelo a bordoadas* ou *A rixa, O pátio dos loucos*) tomam de assalto a razão. Goya não é mais o mesmo. Até então ele combatia os monstros ferrenhamente, zombando do medo ou do horror que eles nos inspiram.

<sup>11</sup> Em 1799, na publicação de *Caprichos*, 27 exemplares foram vendidos em dois dias. Goya anuncia que os está retirando de venda.

<sup>12</sup> Licht: “O fato de que Goya tenha recorrido ao afresco e não ao óleo sobre tela tradicional prova que não esperava que suas pinturas pudessem ser mostradas”.

Já as *Pinturas Negras* são pintadas como suspensas no ar, como se um poder novo as habitasse, como se se tornassem visões do além, separadas da terra, quando Goya as organiza em afrescos. Compreendemos então o que Don Arrieta e, sem dúvida, São Francisco de Borja evitavam: a contaminação por visões habitadas por outra vida, à beira da morte, que defendiam sua própria realidade, suspensas entre o céu e a terra. Goya, homem de razão, era inimigo das superstições e dos medos imaginários que a massa temia. Mas foi vencido por eles, quando antes os desafiava.

Eis o fato: Goya, ameaçado de morte, decide enclausurar-se com essas figuras e viver com a mulher amada e com o filho que ela lhe deu, seus únicos espectadores. Brincava com elas, ironizando até então, atribuindo-lhes lendas que as desafiavam. Mas, desta vez, elas ressurgem nas cercanias das portas da morte, e Goya, depois de ter sido invadido pelo desespero que elas expressam, precisa escolher: segui-las e entregar-se à sua própria morte ou dar-lhes as costas, retornar à vida e pintar para compartilhar seu horror? Para mim, esse é o segundo motivo para repelir a depressão essencial. Retornar para testemunhar que o Sabá não passa de uma fantasia; que nossa razão é ameaçada pelo bode, pelas velhas e pelo vazio que fincaram raízes em nosso mundo interno.

F. Licht (2001) não deixa de fazer referência à psicologia clínica nem à psiquiatria. “Vasto campo aberto à psicanálise”, diz M. Durliat ([20--]). Não há um único que não recorra aos nossos serviços, mesmo Yves Bonnefoy (2006) reflete isso. Mas é para concluir que esses horrores da mente, mais além do inconsciente, apenas manifestam processos cerebrais que ultrapassam o alcance da psicanálise.

Era preciso, então, escolher entre a morte e seus horrores ou a vida. Goya fecha sua casa, dá a chave aos seus descendentes e vai embora para a França – para Bordeaux –, onde seu gosto pela violência bestial o segue (*Os touros de Bordeaux*), mas onde morre logo depois. Antes disso, ele pintou, para encerrar, *A leiteira de Bordeaux*, em que a obsessão pelo viático da salvação ainda se manifesta.<sup>13</sup> □

## Abstract

### Destructive drives and somatic diseases

The author first examines the ambiguity of Pierre Marty's concepts (regression, disorganization) and then considers the need to revise the concept of drive that, as it is currently understood, inadequately accounts for disorganizations in psychosomatics. He proposes the hypothesis of an early dissociation between drive

<sup>13</sup> Um traço mal apagado, que acompanha o seu quadro do período final, *Na comédia*, representa uma silhueta bebendo em uma vasilha.



and object in psychosomatic structures. He concludes using the example of Goya, who suffered from somatic crises that almost killed him, and his production of the *Black Paintings* following this period.

Keywords: Regression, disorganization, drive, object, Goya, *Black Paintings*.

## Resumen

### Pulsiones de destrucción y enfermedades somáticas

El autor examina en primer lugar la ambigüedad de los conceptos de Pierre Marty (regresión, desorganización) y contempla la necesidad de revisar el concepto de pulsión que, tal como se lo concibe, no resulta suficiente para explicar las desorganizaciones de la psicósomática. Plantea la hipótesis de una disociación temprana entre la pulsión y el objeto en las estructuras psicósomáticas. Concluye con el ejemplo de Goya, quien sufrió crisis de somatización que lo llevaron al borde de la muerte, y de su producción de las *Pinturas negras*, posterior al período de padecimiento somático del pintor.

Palabras clave: regresión, desorganización, pulsión, objeto, Goya, *Pinturas negras*.

## Referências

Bonnefoy, Y. (2006). *Goya, Les Peintures Noires*. [S.d.]: William Blake & Co éditeurs, 2006.

Brusset, B. (2006). Métapsychologie des liens et traisième topoque. *Revue Française de Psychanalyse*, 70(5), 2006.

Durliat, M. ([20--]). *Goya, Francisco*. Recuperado de <http://www.universalis.fr/encyclopedie/francisco-goya>

Freud, S. (1900). *L'Interprétation des rêves*. Paris: PUF, 1967.

Freud, S. (1938). Résultats, idées, problèmes. In *Résultats, Idées, Problèmes II*. Paris: PUF, 1985.

Licht, F. (2001) *Goya*. Paris: Citadelles & Mazenod, 2001.

Marlaux, A. (1950). *Saturne, essay sur Goya*. Paris: Galerie de la Pléiade.

Marty, P. (1974). *Les mouvements individuels de vie et de mort*. Paris: Payot.



Recebido em: 20/06/2017

Aceito em: 05/07/2017

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Tradução de **Vanise Dresch**

**André Green**

9, av. de l'Observatoire

75006 Paris

© Presses Universitaires de France

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA